

MATERIALIDADE DO LIVRO COMO CONVITE À CRIAÇÃO

MATERIALITY OF THE BOOK AS AN INVITATION TO CREATION

Camila Feltre⁷⁰

RESUMO: O que descobrimos quando criamos livros? Quais os possíveis caminhos para a criação? O que podemos aprender nesta experiência do “fazer”? Este artigo discute o processo de criação de livros que acontece em um coletivo, durante proposta de aula do curso de pós-graduação “O livro para a infância”, n’A Casa Tombada/SP. Trago como referências livros ilustrados, livros para a infância e todo e qualquer livro, tendo como recorte o olhar para a sua materialidade, questionando como o objeto, seu *design* gráfico, formatos e tamanhos participam da narrativa. É a partir deste dispositivo: os materiais, que também apresento como caminhos, ou “trilhas” para a criação artística, em que o contato com as texturas, linhas e papéis, por exemplo, podem funcionar como “faíscas”, ou dispositivos para a feitura do livro. Para dialogar com essas questões, trago autoras e autores como Edith Derdyk, Cecília Almeida Salles, Ulises Carrión, John Dewey e as vozes dos estudantes que são fundamentais para a tessitura deste texto.

PALAVRAS-CHAVE: processo de criação; materialidade; livro ilustrado; fazer artístico, coletivo.

ABSTRACT: What do we discover when we create books? What are the possible ways for creation? What can we learn from this “making” experience? This article discusses the process of creating books that takes place in a collective, during a class proposal for the post-graduate course “The book for childhood”, at A Casa Tombada/SP. I bring as reference illustrated books, books for children and any and all books, focusing on their materiality, questioning how the object, its graphic design, formats and sizes participate in the narrative. It is from this device: the materials, which I also present as ways, or “trails” for the artistic creation, in which contact with textures, lines and papers, for example, can be as “sparks”, or artifices for making the making book. To dialogue with these questions, I bring authors such as, Edith Derdyk, Cecília Almeida Salles, Ulises Carrión, John Dewey and the voices of the students who are fundamental to the making of this text.

KEYWORDS: creation process; materiality; illustrated book; making artistic; collective.

70 Doutoranda em Artes e Mestra pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora e coordenadora do Curso de Pós-Graduação “O livro para a infância” n’A Casa Tombada. E-mail: cafeltre@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0324-9437>

INTRODUÇÃO

*Folheada, a folha de um livro retoma
o lânguido vegetal de folha folha,
e um livro se folheia ou se desfolha
como sob o vento a árvore que o doa;
folheada, a folha de um livro repete
fricativas e labiais de ventos antigos,
e nada finge vento em folha de árvore
melhor do que o vento em folha de livro.*
João Cabral de Melo Neto



Figura 1: Livros vivos. Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Camila Feltre.

Iniciamos a conversa com a leitura desta imagem (**Figura 1**); ela pode incomodar muitos que a veem. Livros abandonados, ao ar livre, expostos ao tempo, à luz, à chuva, à noite... Livros desprotegidos da mão humana que os tem como seres únicos, preciosos e que devem ser protegidos a qualquer custo. Professores e mediadores poderão achar um desperdício, bibliotecários um sacrilégio, livreiros um crime, enfim. Mas, e se nos permitirmos olhar de novo? Como um “olhar para trás”, do poema de Alberto Caieiro, heterônimo de

Fernando Pessoa, um olhar para o desabituaado, desacostumado, um olhar que pode incomodar, mas que faz ver o que antes não se via:

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo... (PESSOA, 1980, p. 35)

Depois de um tempo, de nos acostumarmos com o fato de que milhares de livros estão expostos do lado de fora de uma livraria⁷¹, saber que ela foi inundada pela chuva e que esse acontecimento já tinha se dado por motivos maiores que a ação humana, podemos olhar novamente para a foto e abrir a discussão? Olhar a composição de cores que formam, do azul ao rosa ao roxo, numa paleta em que as cores quase se fundem, transitando umas pelas outras. Na parte esquerda, blocos maciços na cor branca com contornos num azul vibrante sendo invadidos por manchas de formas irregulares em marrom; folhas sendo descascadas, como uma árvore que troca sua roupagem e que forma uma textura homogênea. Esta, por sua vez, encontra a textura dos tijolos ao fundo, uma parede também em transição, que não foi totalmente rebocada e finalizada. Depois dessa leitura, será possível vermos esta fotografia nos permitindo outras leituras que consigam desnudar nossos olhares já acostumados e habituados e abrir nossos sentidos para o ver que vai além de olhar, reconhecer e nomear?

Este é um texto-convite. Convite a uma reflexão sobre o livro como um objeto que permite diversas possibilidades de leitura que podem despertar o desejo de criar. Não as tenho todas – as leituras –; deixo registrado que este texto também é um desafio, na tentativa de romper com questões já prontas, já resolvidas, já sabidas. O que busco são descobertas que possam se dar durante esta escrita e com o leitor. Escrevo em busca de descobertas, de novas ideias, de dúvidas, de perguntas, de rever o que já sabemos. Afinal, como considera o filósofo e professor Jorge Larrosa:

⁷¹ Livraria “Acqua Alta”, localizada em Veneza. Em 2008-2009, a água conseguiu entrar nas canoas, danificando algumas enciclopédias, as quais hoje servem como degraus de uma escada no pequeno terraço em frente a um canal. Disponível em: <http://viagemitalia.com/livraria-acqua-alta/>. Acesso em 5 mar. 2020.

Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. (LARROSA, 2014, p. 5).



Figura 2: Livros como objetos. Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Camila Feltre.

A Materialidade dos Livros

O termo “materialidade” dentro do contexto do livro está no seu auge. De um tempo para cá, o projeto gráfico está sendo valorizado, olhado, comentado e explorado. Por que isto vem acontecendo? O que isso pode nos dizer? Por que estamos atentos à materialidade do livro? Por que ela ganhou lugar de discussão? Pensar sobre essas questões é pensar sobre o mundo, sobre a nossa sociedade, nossa relação com as pessoas, os livros e as coisas, sobre os nossos valores e fragilidades, sentidos e afetos.

Vários acontecimentos ao longo do percurso da publicação do livro contribuíram para este pensamento sobre o *design* do livro. Um deles foi o trabalho de editoras como a Cosac Naify, que esteve atuante de 1996 até 2015. Muitas de suas publicações inovaram ao nos apresentar novas formas de olhar e tocar os livros, a partir de seus formatos, dobras, tamanhos, encadernações, abas, etc.

Dentro do contexto do livro para a infância, a publicação de algumas traduções foram fundamentais para compreendermos como o *design* gráfico estava presente na narrativa do livro. Citando alguns, temos o livro *Onde vivem os monstros*, do artista norte-americano Maurice Sendak, que é marco mundial na literatura infantil; aqueles da coreana Suzy Lee como: *Espelho*, *Onda* e *Sombra*, que trazem de forma criativa o uso da dobra do livro como parte da narrativa; e o *Na noite escura*, do *designer* italiano Bruno Munari, que explorou vários tipos de papéis.

Outros projetos também marcaram nossa trajetória sem alterar o projeto gráfico, ou seja, o objeto livro não sofreu interferências com o uso de facas⁷² ou encadernações, tamanhos e formatos diferenciados, mas trazendo o pensamento de olhar o livro como objeto como, por exemplo, o *Cena de Rua* (**Figura 3**), da Editora RHJ, e o *Cântico dos Cânticos* (**Figuras 4 e 5**), da Cosac Naify, ambos da artista brasileira Angela Lago. No primeiro, a ideia de olhar o livro sob ângulo de 90 graus modifica a imagem, explorando a perspectiva, que permite que tenhamos uma leitura diferente se estivermos com o livro aberto a 180 graus, ou seja, com as duas páginas abertas totalmente. Nesta história, o menino vendendo frutas no semáforo ganha uma outra dimensão se olhado nesse ângulo, mais próximo do real. No *Cântico dos Cânticos*, também há uma brincadeira que só é possível pelo fato de a história ser contada em formato livro. Os dois personagens, que percorrem um labirinto página a página, só se encontram de fato quando o livro se fecha. Este ainda permite que vejamos o livro em qualquer um dos lados, não tendo início ou fim já preestabelecido, o que é indicado pelo modo como o título do livro e o nome da autora estão presentes na capa e na contracapa.

Nesses dois exemplos de livros, percebemos que o projeto gráfico não precisou de interferências no seu formato, mas a narrativa contou com a materialidade própria do livro formato códice⁷³ para acontecer. Assim, percebemos que temos uma história, uma situação, um acontecimento que só poderiam existir nesta linguagem, com suas características que são próprias, como por exemplo, nesses dois casos: a possibilidade de abrir e fechar o livro, movimentando as suas páginas.

⁷² A faca especial é um equipamento que a gráfica possui e serve para cortar o material gráfico. Elas são feitas de lâminas de metal fixadas, normalmente, sobre uma base de madeira. Sua principal função é dar formas especiais aos impressos que são impossíveis de se conseguir utilizando apenas os cortes retos das guilhotinas. São bastante utilizadas na confecção de cartões de visita, timbrados, pastas, adesivos, entre outros materiais gráficos. Disponível em: <https://blog.zapgrafica.com.br/serie-acabamentos-faca-especial/>. Acesso em 09 mar. 2020.

⁷³ Formato códice é como conhecemos o livro atualmente, com folhas encadernadas e com possibilidade de impressão dos dois lados do papel, capa, etc. Surgiu depois do formato rolo.



Figura 3: *Cena de Rua*. Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Camila Feltre.



Figuras 4 e 5: *Cântico dos Cânticos*. Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Camila Feltre.

Nesse movimento, podemos perceber a participação dos *designers* gráficos, autores, ilustradores, escritores e várias pessoas que estão envolvidas na produção do livro como pensadores do livro por completo. Essa perspectiva pode estar relacionada aos coletivos que discutem, pensam e estão entrelaçados na rede que prioriza o livro e o encontro com o leitor, trazendo aqui, principalmente os grupos que se dedicam à formação como: cursos de pós-graduação, editoras que abrem seus espaços para organizar encontros com autores, livrarias que mobilizam conversas em torno do livro, espaços culturais que acolhem projetos de leitura, entre outros. Trata-se de uma rede que atua em prol da discussão sobre livros e seus modos de produção, mediação e circulação.

Se formos “escavar” a palavra “Materialidade”, na tentativa de nos aproximar desta questão, podemos encontrar as definições: “Qualidade do que é material”, no *Dicionário Michaelis (online)*; e no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* temos “matéria”: “qualquer substância que ocupa lugar no espaço” (CUNHA, 2010, p. 415). Comumente, encontramos esta palavra nas artes visuais se referindo a tudo o que remete ao material que está sendo utilizado: a tinta, a argila, ou aos objetos que constroem aquilo que é visto, a materialidade tem a ver com a forma de se concretizar um pensamento.

Assim, se olharmos para o livro como objeto que ocupa lugar no espaço, tem peso, textura, temperatura, tamanho, cor, cheiro, podemos perceber essas características em todo e qualquer livro formato código. Odilon Moraes, artista brasileiro de livros ilustrados, abre seu texto “O livro objeto e a literatura infantil” com esta afirmação: “Todo livro é um objeto” (in DERDYK, 2013, p. 159). Assim, podemos pensar que o que os difere são os projetos gráficos: enquanto uns são pensados de forma mais consciente, outros tentam ser suporte para um conteúdo.

Ulises Carrión, poeta, artista e editor mexicano, no livro *A nova arte de fazer livros*, considera que, na velha arte, “o escritor não se julga responsável pelo livro. Ele escreve o texto [...]”, e, na nova arte, “[...] escrever um texto é somente o primeiro elo na corrente que vai do escritor ao leitor” (CARRIÓN, 2011, p. 14). Carrión traz a ideia de que, antigamente, o livro era um suporte para o texto, porém, na nova arte, “um livro não é um mostruário de palavras, nem um saco de palavras, nem um portador de palavras” (2011, p. 5). Para ele, “um livro é uma sequência de espaços. Cada um desses espaços é percebido em um momento diferente – um livro também é uma sequência de momentos” (2011, p. 5). E acrescenta ainda: “Para ler a nova arte devemos apreender o livro como uma estrutura, identificar seus elementos e compreender sua função” (2011, p. 61). Por esse caminho, podemos pensar que tudo o que é apresentado no livro tem uma função, uma intenção, e todas as escolhas contribuem para a sua narrativa.

Trazendo essa reflexão para o livro ilustrado contemporâneo, Sophie Van der Linden, pesquisadora francesa, nos propõe algumas reflexões. Para ela, um livro ilustrado leva em consideração um “conjunto coerente de interações entre textos, imagens e suportes” (LINDEN, 2011, p. 9). Assim,

[...] ler um livro ilustrado não se resume a ler texto e imagem. [...] é também apreciar o uso de um formato, de enquadramentos, da relação entre capa e guardas com seu conteúdo; é também associar representações, optar por uma ordem de leitura no espaço da página, afinar a poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação a outra (LINDEN, 2011, p. 8-9).

Os livros ilustrados têm a materialidade como parte da narrativa, e, ao entrar em contato com os leitores, ampliam suas possibilidades de leitura, ou seja, no ato de ler está em jogo, além das palavras e imagens, o livro como este objeto amplo e cheio de elementos a serem desvelados. Imersos nesse universo, próximos dessa materialidade que nos toca, nos sensibiliza e nos chama a reinventar formas de ler, podemos experimentar uma outra forma de estar com os livros: o lugar de criador.

PROPOSTA DE AULA: CRIAÇÃO DE LIVROS

Quando nos debruçamos no universo dos livros ilustrados, a materialidade nos convida a experimentar diferentes formas de estar com ele enquanto leitor. Como uma casa, o livro é um objeto que vai guardar uma história que será contada com tudo o que tivermos de acesso a ela. Nessa metáfora do “livro como casa”, podemos pensar como as paredes, tetos, texturas, cheiros, sons, marcas e pegadas de seus moradores contam suas vidas e suas histórias. Assim é um livro, a casa da imaginação, a morada de histórias, o habitáculo onde moram personagens inventados, histórias reais, inspirações, modos de sonhar e conhecer.

Aproximando-nos desse objeto que se torna tão convidativo, que nos leva a pensar novas formas de construir suas paredes e janelas, podemos nos colocar no lugar de inventar portas e corredores, salas, quartos e cozinhas. Como a escritora Lygia Bojunga Nunes no seu poema “Livro: a troca”, que traz a sua relação com o livro:

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo;
em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada;
inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá
dentro pra brincar de morar em livro.

[...]

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais,
eu cismei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar

tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar (NUNES, 1990, p. 8).

Há muitas relações com os livros. A de criador pode ser uma delas. Colocar-se no papel de inventor, fazedor, autor ou ilustrador, é um desafio que pode trazer muitas descobertas nessa relação com o livro.

Durante aulas ou oficinas em que atuo como professora ou proponente, convido as pessoas a criarem um livro, com foco na sua materialidade. É um convite à experiência de criar e pensar: o que esta relação tem a ver comigo? Mesmo não sendo da área da ilustração, ou da escrita, por exemplo, o que este “fazer” pode contribuir para a minha prática? Ou para a minha pesquisa? O que eu posso aprender fazendo livros? Neste texto, trago o recorte da minha experiência de professora durante a disciplina “O objeto livro” na Pós-Graduação “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”⁷⁴, d’A Casa Tombada⁷⁵. Esse curso faz parte de um coletivo que vem discutindo o livro para a infância desde 2016 e representa um dos espaços que alimenta a rede de formação sobre o livro, a literatura e a infância.

A primeira reação de muitos, ao receberem o convite para a criação de um livro, é de angústia, alguns lembram de experiências escolares, relação com as aulas de arte, uma sensação de não saber o que fazer: “Quando você nos deu a tarefa de criar um livro, tive medo. Não um medo grande e paralisador, mas um medo pequeno, com cara de estranhamento. Afinal de contas, o que esse livro contaria de mim?” (OLIVEIRA, 2019).

É algo desafiador. A proposta envolve alguns momentos que segue para o convite: “Convido para uma experiência de criação de livro, do livro, com ele. Permitir-nos experimentar os materiais, caminhar seguindo escolhas e a partir do que mais nos chama atenção, vivendo o processo e o percurso”⁷⁶.

E assim os livros vão nascendo: por diferentes caminhos, diferentes trajetórias, gostos, tempos, escolhas, sensações; abarcando diferentes formatos, materiais, assuntos, relações com a imagem e com a palavra; cada pessoa é um universo diferente, cada um acolhe um mundo a ser explorado, vivido e compartilhado.

⁷⁴ O curso de Pós-Graduação “O livro para a infância” acontece desde 2016 n’A Casa Tombada/FACONNECT, sob coordenação da professora e pesquisadora Cristiane Rogerio.

⁷⁵ A Casa Tombada é um Lugar de Arte, Cultura e Educação localizada na cidade de São Paulo que oferece cursos de pós-graduação, cursos livres, palestras, oficinas e encontros de contação de histórias. Foi fundada pelos educadores Giuliano Tierno e Angela Castelo Branco. Informações: <https://acasatombada.com.br/>

⁷⁶ Carta-convite que leio para a turma como proposta ao exercício de criação de um livro.

TRILHAS DA CRIAÇÃO: CAMINHOS E ESCOLHAS NA HORA DE SE FAZER UM LIVRO

Criar é um exercício
Moema Cavalcanti

Ah, caminhos... Quanto mais temos, mais escolhas devem ser feitas!
Cristiane Ferreira da Silva⁷⁷

Das infinitudes de caminhos que podem se dar no processo de criação de um livro, trago alguns possíveis, que passo a nomear de “trilhas”. Trilha como “ação ou efeito de trilhar, caminho estreito, em geral precário e tortuoso, entre vegetação; senda, trilho, vereda” (*Dicionário Michaelis*). Trilha no sentido de caminho alternativo, não certo, que traz uma sensação àquele que o percorre do mistério e do imprevisível, algo desconhecido, que é diferente do caminho principal, mas não por isso mais fácil. A trilha, nessa metáfora criada, é construída por cada um que vive o processo de criação, a seu modo, a seu jeito, na sua particularidade.

Das diversidades de trilhas que podemos encontrar quando se pensa na criação de um livro, venho percebendo o contato com o material como presença fundamental para o início do processo, ou o que podemos chamar de disparador para os primeiros atos em torno do livro. Talvez, essa atração pelos materiais aconteça também pela forma como se dá o convite, que provoca encontros com as materialidades, mesmo antes de a aula começar.

Antes do primeiro encontro, peço previamente alguns materiais, o que passei a chamar de “pedaços de si”, me referindo àqueles materiais que geralmente as pessoas têm em casa e que podem guardar por algum motivo afetivo, por interesse, atração. Por exemplo: retalhos de tecidos, restos de papéis, mapas antigos, cartões-postais, cartas, capas de livros antigos, etc.: “Das coisas que mais gosto de guardar e que levei para este momento são lembranças de viagem. Gosto do deslocamento do cotidiano que as viagens trazem, do não-saber o que vai acontecer, das surpresas que queimam a memória” (PARDINI, 2018).

Geralmente compartilhados com o restante do grupo, esses materiais já nos provocam, pois apresentam uma diversidade muito grande, uma qualidade em termos materiais e afetivos que dificilmente poderíamos achar em uma papelaria. Coleção de papéis com diferentes texturas guardados numa caixinha ao longo do tempo, folhas secas dentro de um livro, uma capa de livro que descolou, mapa de viagem com anotações, tecidos que foram testes para o papel de parede do quarto da filha, entre outros. Mas nada impede que alguém vá até uma loja e compre uma folha de papel que lhe chame a atenção. Nessas escolhas já se inicia uma aproximação, uma familiaridade, um olhar atento

⁷⁷ Estudante da Pós-Graduação “O livro para a infância”.

para os materiais que serão explorados no encontro. O que não torna mais previsível ou fácil o caminho para a criação.

Então, surge a pergunta: como começar? Como inicio o processo de criar o meu livro? “Foi um movimento de escolha, sem saber muito que caminho trilhar, e a liberdade [...] que você nos deu, deixou tudo na responsabilidade de nossas mãos, nosso olhar, nosso corpo, nossos sentimentos, pensamentos, eu esperei” (OLIVEIRA, 2019). A espera pode ser um caminho? A estudante de um dos encontros nos indica que sim. Esperar... São aqueles minutos no quais aguardamos, quase como um acontecimento, surgir uma ideia, um pontapé, um disparador, uma “faísca” (RODARI, 1982, p. 20). Um silêncio, talvez? Como a estudante Liliana Pardini relata sobre esse momento: “a primeira necessidade que senti foi do silêncio, buscado lá dentro [...] O que vou fazer? O que me chama?” (2018). Em outras palavras, o que a professora e pesquisadora Cecília Almeida Salles chama de “Uma espera pelo inesperado” (SALLES, 2006, p. 145).

E então, outra estudante nos revela que algo se inicia:

Então, decidi que com papel, agulha e barbante, construiria um objeto que se comunicasse comigo, que se construísse conforme fosse construído, sem uma ideia pronta. Assim, deixei que o papel se impusesse. Às mãos, que trouxesse seus desafios. Dobras e recortes deram forma. Os retalhos desses recortes voltaram ao livro para unir as páginas. Eu quis sentir a resistência da agulha furando o papel e a cada furo, passava o fio, desenhava com a cola e deitava o barbante sobre ela. Um movimento de agulha, barbante, cola, papel. De furo, de dobra, de pressão, de esperar secar. Um atravessar e ser atravessado. Eu era linha, era página, era cola sugerindo o desenho do percurso (OLIVEIRA, 2019).



Figuras 6 e 7: Livro de Laizane Oliveira produzido durante disciplina “O objeto livro”, Pós-Graduação “O livro para a infância”, 2019.

Esse relato nos provoca a pensar: Como escolher os materiais na hora do fazer? Eu que escolho ou eles que me escolhem? “Miró (1989, p. 33), ao ser perguntado se estava sempre à procura de novos materiais, respondeu: ‘Não procuro: eles me atraem, vêm a mim’” (*apud* SALLES, 2006, p. 45).

Essas vozes das estudantes, que são escritas em cartas que solicito como exercício final da disciplina, revelam processos de criação; ter contato com este material me leva a pensar que este estopim, esta fâsca para o fazer pode ter inúmeros caminhos, pode ser uma cor, a textura de um material, seu toque, algo que traz a memória à tona, escolhas intuitivas em que podemos nos deixar levar mais do que ter um controle absoluto sobre as coisas.

Por uma outra trilha, encontramos outro percurso para a criação:

Na aula que veio antes da sua começar, houve um pedido de escrever uma carta de uma boneca viajante para sua dona/mãe. Juntando esses dois fios, comecei a imaginar um livro que falasse da viagem da boneca e da falta que ela fez ao viajar. Busquei cartolinas grandes, onde coubesse o quarto da menina e a viagem da boneca. E foi assim que esse livro começou a nascer, sem ensaio, como a vida (PARDINI, 2018).



Figuras 8 e 9: Livro de Liliane Pardini produzido durante disciplina “O objeto livro”, Pós-Graduação “O livro para a infância”, 2018.

Como vimos, pode ser um assunto que a atraiu que convidou a pensar no livro como lugar onde a história iria morar. E assim, surgem outras questões: Qual o tamanho? Qual a forma? Qual a textura do papel? Como meu corpo se relaciona com este objeto? O livro passa a ser “lugar”, “território poético”, como a artista Edith Derdyk nos propõe: “As páginas são as células dos livros, agora puro espaço, revelando pelo avesso a estrutura sintática da forma do livro” (DERDYK, 2012, p. 167).

Acompanhando os nascimentos e o processo de fazer o livro, fui percebendo o quanto o livro ia se construindo no próprio percurso, o quanto a experiência de fazer ia mostrando os caminhos para a criação. O trabalho “Caminhando”, da artista Lygia Clark é exatamente isso. É um trabalho de proposição a partir de uma fita de Moebius, em que se vai cortando e a obra vai acontecendo. Nas palavras da própria artista: “O caminhando leva todas as possibilidades que se ligam à ação em si mesma: ele permite a escolha, o imprevisível, a transformação de uma virtualidade em um empreendimento concreto” (CLARK, 1980, p. 25). E completa: “É no instante em que pratica o ato que o espectador percebe simultaneamente o sentido de sua própria ação” (CLARK, 1980, p. 28).

O projeto-livro vai acontecendo junto com a construção do objeto livro, como também nos traz John Dewey, filósofo norte-americano, sobre o ato de fazer como encarnar e imaginar: “É provável que a qualidade estética das catedrais medievais se deva, em certa medida, ao fato de sua construção não ter sido tão controlada quanto são as de hoje por projetos e especificações feitos de antemão. Os projetos iam crescendo junto com as construções” (DEWEY, 2010, p. 135). E o autor nos elucida com reflexões sobre as palavras “edificação”, “construção” e “obra”: “designam tanto um processo quanto seu produto final” (DEWEY, 2010, p. 133).

Na experiência de criar livros, o processo e o produto acontecem simultaneamente, não há como prever o projeto completo e executá-lo. É no processo que o livro vai acontecendo: “Ao recortar, colar, costurar, o texto surgia. Há um pensar ágil que impulsiona para o próximo passo” (PARDINI, 2018). Nesse fazer, muitas coisas estão acontecendo, pensamentos, descobertas, imprevistos, *insights*, como podemos ver no relato de uma outra carta escrita por uma estudante da Pós-Graduação: “Enquanto eu costurava o livro, no atelier, ouvindo música dos anos 80, pensei no quanto o próprio processo da feitura do livro se parecia com a construção das relações” (KNOBEL, 2018). E conta ainda:

[...] comecei com uma linha muito-muito comprida, o que tornou o processo de costura super mega trabalhoso e com muitos nós para serem delicadamente desfeitos. Se eu puxasse a linha com força o nó ficava mais apertado. Se eu passasse a linha com força pelos furos poderia rasgar as folhas mais delicadas. Depois de um tempo achei que poderia cortar um bom pedaço da linha. Deixamos sempre linha a mais porque não é recomendado fazer emendas na linha para a costura de livros. Ajudou, mas não muito. Mesmo assim, fui costurando com paciência e, devo dizer, alegria. Pensando [...] nas lembranças que estavam sendo costuradas e amarradas (KNOBEL, 2018).

Pensamentos que surgem no tempo em que a mão trabalha. Por isso, Dewey considera este fazer sendo cumulativo, em que um ato só surge após o outro:

Ao manipularmos, tocamos e sentimos; ao olharmos, vemos; ao escutarmos, ouvimos. A mão se move com a agulha usada para gravar ou com o pincel. O olho acompanha e relata a consequência daquilo que é feito. Graças a essa ligação íntima, o fazer posterior é cumulativo, e não uma questão de capricho nem de rotina (DEWEY, 2010, p. 130).

Essas relações, pensamentos e descobertas que se dão no processo é um caminho também de autoconhecimento. Salles relata o percurso que leva o artista ao autoconhecimento:

Daí o percurso criador ser para ele, também, um processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, autocriação, no sentido de que ele não sai de um processo do mesmo modo que começou: a compreensão de suas buscas estéticas envolve autoconhecimento (SALLES, 2006, p. 65).

E o que o fazer livros pode nos ensinar?

A estudante Tamiris Maróstica acrescenta que “[...] fazer um livro é um processo profundo de mergulhar em nossos desejos e anseios, nossas

vontades, nossos processos internos, nosso eu racional e também irracional [...]” (COSTA, 2019). É descobrir mais sobre nós, nesta relação com o livro e com o outro, porque o fazer nunca se dá só, sempre estamos em relação, surgindo, como nos aponta Salles, um conceito de autoria que acontece entre o artista e os outros:

É uma autoria distinguível, porém, não separável dos diálogos com o outro; não se trata de uma autoria fechada em um sujeito, mas não deixa de haver espaço de destinação. Sob esse ponto de vista, a autoria se estabelece nas relações, ou seja, nas interações que sustentam a rede, que vai se construindo ao longo do processo de criação (SALLES, 2006, p. 152).

Então, neste processo de feitura do livro, o que esta experiência pode reverberar? Foi a partir das vozes das estudantes do curso, por meio das cartas escritas, que pudemos notar o quanto o processo criativo está interligado com a vida. Como uma das estudantes relata: “Finalizo por aqui com a certeza de que essa experiência (sentida, vivida) será acionada a cada nova leitura e encontro com um livro (SILVA, 2019). Consideramos a experiência de criar como propulsora de novas perspectivas sobre o livro, ampliando olhares e formas de nos relacionarmos com ele.

CONCLUSÃO

Fechar um livro não é menos emocionante do que o abrir
Michel Melot

Este artigo se encerra na consciência de que o pensamento não cessa, mesmo depois que a leitura termina. A afirmação “Enquanto o reino do papel não tinha concorrentes, era difícil *ver* o objeto sob o conceito” (MELOT, 2012, p. 24) nos convida a pensar sobre a trajetória dos nossos livros. Trazendo à tona a questão da sua materialidade em época de evolução e crescimento dos livros digitais, me arrisco a pensar: será que esta valorização do formato não é uma maneira de dizer: “Não, os livros físicos não vão ser substituídos pelo livro digital?”. Como uma forma de resistência, trazemos a importância do *design* gráfico, apresentando escolhas narrativas que acontecerão somente pelo formato, tamanho e ritmo do livro, por suas características que lhes são próprias, para lembrarmos que ele é insubstituível. Pelo menos, nestes casos, ou nestes livros.

Estar no processo de feitura de livros nos provoca enquanto leitor. Passar pelas mãos o que temos como conceito coloca o conhecimento em outro lugar, conhecimento que é “experiência”, aquela que “[...] nos acontece, nos alcança; que nos apodera de nós” (LARROSA, 2014, p. 27). Como a

pesquisadora Márcia Sousa relata da sua experiência de encadernar: “Acredito que quando se aprende a encadernar, nunca mais se olha os livros com os mesmos olhos, assim como não se pode mais tocá-los com as mãos de antes...”. O fazer é estimulado pela leitura e a leitura convida à prática do fazer: “A sedução do fazer passou a acomodar-se no mesmo espaço que a fascinação do ver/tocar livros” (SOUSA, 2009, p. 17).

Trago neste artigo reflexões sobre um fazer que é estimulado por um coletivo de um curso, que cria, discute, e que está embrenhado nessa rede de pensares e fazeres sobre o livro. Por isso, a importância de estar em espaços de formação, de trocas, de estar em relação, sempre.

Assim, ao experimentarem posições de criadores, as pessoas tornam-se protagonistas de suas histórias, de suas materialidades, seus pedaços de si, trajetórias e percursos na relação com o livro e na construção das próprias trilhas da criação. Da ideia “projeto-livro” ao “objeto-livro”, o que pode acontecer aí?

REFERÊNCIAS

CARRIÓN, Ulises. *A Nova Arte de Fazer Livros*. Tradução de Almir Brito Cadôr. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

CAVALCANTI, Moema; MELO, Chico Homem de Melo; MATSUSHITA, Raquel; MASSARO, Silvia. *Moema Cavalcanti: Livre para voar*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.

CLARK, Lygia. *Lygia Clark*. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

COSTA, Tamiris Maróstica da. *Carta escrita durante a disciplina de pós-graduação O livro para a infância*. São Paulo, 2019.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DERDYK, Edith. A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. *Pós – Revista do Programa de pós-graduação em artes da EBA/UFMG*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 164-173, maio 2012.

Disponível em:
<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15439>>.
Acesso em 30 mar. 2019.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KNOBEL, Keila. *Carta escrita durante a disciplina de pós-graduação O livro para a infância*. São Paulo, 2018.

LAGO, Angela. *Cena de rua*. Belo Horizonte: RHJ, 1994.

LAGO, Angela. *Cântico dos Cântico*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LEE, Suzy. *Onda*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LEE, Suzy. *Espelho*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LEE, Suzy. *Sombra*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. Para a feira do livro. In: MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MELOT, Michel. *Livro*. Tradução de Marisa Midori Deaecto, Valéria Guimarães. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.

Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/materialidade/>; <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/TRILHA/>. Acesso em 07 ago. 2020.

MORAES, Odilon. O livro como objeto e a literatura infantil. In: DERDYK, Edith (org.). *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac, 2013, p. 159-165.

MUNARI, Bruno. *Na noite escura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

NUNES, Lygia Bojunga. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

OLIVEIRA, Laizane Cristina Santos de. *Carta escrita durante a disciplina de pós-graduação O livro para a infância*. São Paulo, 2019.

PARDINI, Liliana. *Carta escrita durante a disciplina de pós-graduação O livro para a infância*. São Paulo, 2018.

PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio: poemas completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

SENDAK, Maurice. *Onde vivem os monstros*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SILVA, Cristiane Ferreira da. *Carta escrita durante a disciplina de pós-graduação O livro para a infância*. São Paulo, 2019.

SOUSA, Márcia Regina Pereira de. *O livro de artista como lugar tátil*. Dissertação de Mestrado. Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Recebido em: 15/08/2020

Aceito em: 25/11/2020